

Diálogos entre ciência e mitologia

Projetos de extensão do Instituto de Biociências (Ibio) promovem o ensino de geologia e paleontologia por meio de atividades lúdicas baseadas em elementos do imaginário popular

Por Gabriella Praça



“O Mapinguari é um enorme ser da mata, muito temido entre os caçadores e caboclos do interior, principalmente no Pará, Amazonas e Acre. Esse animal se parece com um gigante marrom muito peludo, pois todo o seu corpo fica coberto por esses longos pelos, como se fosse um manto. Suas mãos são muito compridas, pois seus dedos terminam em garras enormes, do tamanho de uma faca. Ele possui um único olho, no meio da testa, e uma boca gigantesca que se estende até a barriga”.

Mito amazônico propagado entre gerações pela tradição oral, o Mapinguari se assemelha às extintas preguiças gigantes, cujos fósseis são encontrados em diversas regiões da América do Sul. Histórias como a do ser lendário da Amazônia são objeto de estudo da paleontóloga Luiza

Ponciano, professora do Instituto de Biociências (Ibio) da UNIRIO. Interessada em mitologia e nas diversas formas de manifestação artística, a docente desenvolve há

três anos o projeto GeoTales, cuja proposta é narrar a história da Terra por meio do imaginário popular representado em lendas, contos e outras formas de



Desenhos produzidos por integrantes do GeoTales (Imagem: Acervo GeoTales)



Equipe reunida: Luiza Ponciano, ao centro, acompanhada dos alunos participantes (Imagem: Acervo GeoTales)

expressão. Assim, eventos geológicos como terremotos e erupções vulcânicas são abordados de maneira lúdica, visando ao que a professora define como “aprendizagem motivada pela afetividade”.

A ideia nasceu em 2014, quando Luiza foi convidada para falar sobre fósseis em um congresso do Projeto Integrado Ifnopap – O Imaginário nas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense –, desenvolvido pela Universidade Federal do Pará (UFPA). O evento acontece dentro de um navio, e o itinerário muda a cada ano. Os congressistas debatem e apresentam trabalhos na embarcação, e, quando chegam às cidades a serem visitadas, desenvolvem seus projetos de extensão nas escolas locais. Lá, Luiza conheceu a docente de literatura da Universidade do Estado do Pará (Uepa) Romilda Bastos, que apresentou mitos da Amazônia com seu grupo de performance,

chamado Griot. “Identifiquei que havia muito conteúdo de paleontologia nos poemas e lendas – como terremoto, preguiça gigante, cratera e vulcão”, conta a professora.

Em 2015, Luiza voltou ao evento e já participou das performances do grupo de Romilda. “O GeoTales é filho do Griot”, revela. “Pesquisei outras lendas e poemas e chamei os estagiários da UNIRIO para criar o projeto”. A primeira apresentação aconteceu no Museu Nacional, em agosto de 2015, com a palestra *A geologia e a paleontologia nas artes: formas alternativas de divulgação e ensino*, seguida de performance com alunos de monitoria e iniciação científica. Em 2016, surgiu o projeto de extensão sobre mitologias antigas da Amazônia e, em 2017, um segundo projeto, *Geopoética*, com foco em poemas.

A cada ano, a equipe define uma nova abordagem para dire-

cionar a pesquisa e as performances. Em 2018, o grupo lançou os projetos *GeoTales: conservação do patrimônio natural por meio dos repentes da Terra*, no qual utiliza cordéis para montar as performances e os jogos educativos; e *Geomitologia da América*



Poesia como ferramenta didática (Imagem: Acervo GeoTales)

do Sul: as rochas contam a nossa história, voltado para as lendas do Gigante Adormecido, da Cordilheira dos Andes e da Ilha de Paquetá.

Expansão temática

Há, ainda, um terceiro projeto em andamento, voltado para a mitologia afro-brasileira. Com enfoque no empoderamento feminino, o grupo de pesquisa *Geopoética do Orum ao Aiuê: estudos míticos, arquetípicos e elementais* é coordenado pela professora Luiza em parceria com o coletivo de mulheres negras Agbara Obinrin – que significa “Força, mulher!” em iorubá. Os integrantes provêm de diversas áreas do conhecimento, como psicologia, teatro, biologia, música, museologia e artes plásticas. Paralelamente, um projeto de extensão atua com os mitos iorubanos. Quando se apresenta nas escolas, o grupo associa elementos lendários ao conteúdo escolar. “A ideia é usar performances de encantamento para atrair a atenção das crianças”, ressalta a docente.

Além de tópicos de geologia e paleontologia, são debatidas questões como empoderamento feminino, história e valorização da cultura negra, e intolerância religiosa com mitologias de matriz africana. Para Luiza, ainda há muita discriminação com o gênero. “Quando fazemos uma performance sobre mitologia indígena, não há preconceito, pois entende-se que aquilo é mitologia, não religião. Já na cultura negra, as pessoas não conseguem ver essa diferença”, aponta. “Queremos esclarecer que a mitologia africana faz parte da cultura brasileira”, completa.

As apresentações são feitas por convite em escolas, creches, museus e eventos artísticos, como



Grupo em ação (Imagem: Acervo GeoTales)

saraus de poesia. O grupo promove oficinas para todas as faixas etárias: da primeira infância à terceira idade. Os encontros incluem atividades conhecidas – como arco e flecha, palavras cruzadas, caça-palavras e jogo da memória – e outras autorais, com poemas e histórias criados pelos

integrantes com base em um mito original. A equipe também produz desenhos, que são exibidos em exposições de arte junto com os trabalhos poéticos. Hoje, o grupo é formado por quatro membros do projeto GeoTales mais sete do Geopoética – além da professora Luiza, que coordena as atividades.

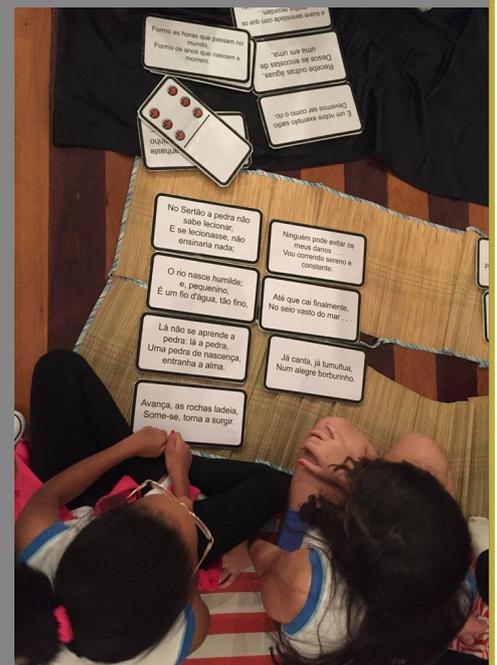
Brincadeira de criança

O grupo adaptou jogos e brincadeiras tradicionais para o ensino do conteúdo escolar. O método busca despertar interesse e estimular a criação de um vínculo emocional com os temas abordados. Conheça algumas das atividades:

Batalha de poemas: após performance poética, os alunos são divididos em equipes, que devem relacionar o conteúdo do poema apresentado com tópicos de geologia e paleontologia.

Dominó: as peças, feitas de papelão, trazem trechos de poemas no verso. Os alunos utilizam os fragmentos textuais para criar uma poesia relacionada ao conteúdo.

Paleojenga: uma torre é montada com blocos coloridos, confeccionados com caixas de pasta de dente. O desafio é retirar uma caixa de cada vez, até derrubar a torre. Cada equipe participante recebe trechos de poemas, com os quais deve criar uma nova poesia.



Estudantes recriam poemas com peças de dominó (Imagem: Acervo GeoTales)